

O “MEDO DO INGLÊS” COMO GARGALO INSTITUCIONAL: A EMERGÊNCIA DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

THE "FEAR OF ENGLISH" AS AN INSTITUTIONAL BOTTLENECK: TOWARDS LANGUAGE POLICIES FOR THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION

EL “MIEDO AL INGLÉS” COMO CUELLO DE BOTELLA INSTITUCIONAL: LA EMERGENCIA DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS EN PRO DE LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR

 10.56238/revgeov17n3-218

Alessandra da Silva Quadros-Zamboni

Doutora em Letras

Instituição: Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

E-mail: alessandra.zamboni@unespar.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0937-9486>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9058429540593337>

Gabriel Jean Sanches

Doutor em Linguística

Instituição: Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

E-mail: Gabriel.sanches@unespar.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6438-382X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4719987556340417>

RESUMO

A internacionalização do ensino superior está diretamente relacionada a questões referentes às políticas linguísticas, uma vez que aproxima sujeitos de diferentes países, culturas, contextos e perspectivas. A difusão do saber científico se consolida majoritariamente por meio da participação de pesquisadores em eventos e da publicação em periódicos de projeção internacional e, embora as recentes transformações globais trazidas pelos avanços tecnológicos transformaram o mundo pós-pandêmico, o corpo acadêmico de instituições de ensino superior ainda encontra dificuldades de ordem linguística para se comunicar com seus pares de diferentes nacionalidades e divulgar suas pesquisas em eventos científicos. Em vista disso, este artigo tem por objetivo examinar os obstáculos de ordem linguística que dificultam a internacionalização de uma IES pública da região Sul do país. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa descritiva e exploratória, que utilizou como instrumentos de investigação um questionário com perguntas abertas e seis entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelaram que, em termos de ações de linguagem, os obstáculos mais importantes são a barreira linguística e a carência de programas voltados a atender às demandas de produção acadêmica, indicando a necessidade de implantação de ações voltadas aos letramentos acadêmicos em prol da produção e divulgação científicas. Essas descobertas contribuem para discussões sobre o papel institucional como provedor



de políticas linguísticas voltadas ao desenvolvimento de condições necessárias para a divulgação acadêmico-científica.

Palavras-chave: Internacionalização do Ensino Superior. Políticas Linguísticas Institucionais. Barreira Linguística. Letramentos Acadêmicos. Publicação Científica Internacional.

ABSTRACT

Higher education internationalization is directly linked to language policy issues, as it brings together individuals from different countries, cultures, contexts, and perspectives. The dissemination of scientific knowledge is primarily consolidated through researchers' participation in events and publication in internationally recognized journals. Although recent global changes brought by technological advances have transformed the post-pandemic world, the academic body of higher education institutions still faces linguistic difficulties in communicating with peers from different nationalities and presenting their research at scientific events. In view of this, this article aims to examine the linguistic obstacles that hinder the internationalization of a public HEI in the Southern region of Brazil. The research adopts a descriptive and exploratory qualitative approach, using an open-ended questionnaire and six semi-structured interviews as investigation instruments. The results revealed that, regarding language actions, the most significant obstacles are the language barrier and the lack of programs aimed at meeting academic production demands. This indicates a need for implementing actions focused on academic literacies to promote scientific production and dissemination. These findings contribute to discussions on the institutional role as a provider of language policies geared toward developing the necessary conditions for academic-scientific communication.

Keywords: Internationalization of Higher Education. Institutional Language Policy and Language Planning. Language Barrier. Academic Literacies. International Scholarly Publishing.

RESUMEN

La internacionalización de la educación superior está directamente relacionada con cuestiones relativas a las políticas lingüísticas, ya que aproxima a sujetos de diferentes países, culturas, contextos y perspectivas. La difusión del conocimiento científico se consolida mayoritariamente a través de la participación de investigadores en eventos y de la publicación en revistas de proyección internacional y, aunque las recientes transformaciones globales derivadas de los avances tecnológicos han transformado el mundo pospandémico, el cuerpo académico de las instituciones de educación superior aún enfrenta dificultades de orden lingüístico para comunicarse con sus pares de diferentes nacionalidades y divulgar sus investigaciones en eventos científicos. En este sentido, el presente artículo tiene como objetivo examinar los obstáculos de carácter lingüístico que dificultan la internacionalización de una institución de educación superior pública de la región sur del país. La investigación adopta un enfoque cualitativo de carácter descriptivo y exploratorio, que utilizó como instrumentos de recolección de datos un cuestionario con preguntas abiertas y seis entrevistas semiestructuradas. Los resultados revelaron que, en términos de prácticas lingüísticas, los obstáculos más relevantes son la barrera lingüística y la carencia de programas orientados a atender las demandas de producción académica, lo que indica la necesidad de implementar acciones dirigidas a los letramientos académicos en pro de la producción y divulgación científicas. Estos hallazgos contribuyen a las discusiones sobre el papel institucional como proveedor de políticas lingüísticas orientadas al desarrollo de las condiciones necesarias para la divulgación académico-científica.

Palabras clave: Internacionalización de la Educación Superior. Políticas Lingüísticas. Letramientos Académicos. Producción Científica Internacional.



1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais interconectado, as instituições de ensino superior têm buscado expandir suas fronteiras e estabelecer parcerias com instituições e sujeitos de diversas regiões e nacionalidades. Dessa forma, o processo de internacionalização do ensino superior, cujas origens remontam às origens da própria universidade, única instituição que sempre foi global (ALTBACH, 1998), torna-se campo fértil para pesquisas de diversas instâncias (SIEGLER, 2009; STALLIVIERI, 2017), especialmente em termos de globalização e internacionalização (KNIGHT, 2004; ALTBACH; KNIGHT, 2007; BRANDENBURG; De WIT, 2011), internacionalização abrangente (HUDZIK, 2011), do currículo (LEASK, 2009, 2013, 2015; HELMS; TUKIBAYEVA, 2013), em casa (RIZVI, 2015; NILSSON, 2003) e do campus (BEELEN; JONES, 2015), bem como de *rankings* acadêmicos (RAUHVARGERS, 2011; HAZELKORN, 2011, 2013; GÓMES, 2013; STREITWIESER, 2014; SANTOS, 2015), dentre outras investigações nesse vasto campo.

A internacionalização está diretamente relacionada a questões referentes às políticas linguísticas, uma vez que internacionalizar uma universidade é aproximar sujeitos de diferentes países, culturas, contextos e perspectivas. Essa aproximação se realiza por meio da linguagem e não existiria sem ela. Desse modo, para que se promova uma internacionalização de fato, não basta apenas focar na promoção de mobilidade em uma IES, mas torna-se fundamental a oferta de condições linguísticas para que se estabeleçam relações entre os sujeitos de distintas nacionalidades. Assim sendo, essa oferta precisa atender às necessidades linguísticas dos estudantes, professores e funcionários de uma instituição que se internacionaliza.

Contudo, apesar da necessidade crescente de ampliação das parcerias internacionais e difusão do saber científico por meio da participação em eventos e publicação de periódicos de projeção internacional, o corpo acadêmico ainda encontra dificuldades de ordem linguística para se comunicar com seus pares de diferentes nacionalidades e expor os frutos de suas pesquisas. Em decorrência, o conhecimento de línguas adicionais, fator de especial relevância nos meios acadêmicos, tem se apresentado historicamente no Brasil como um obstáculo para a internacionalização. Acrescente-se a isso as dificuldades enfrentadas por professores e estudantes para a produção de produtos acadêmicos, como apresentações orais em eventos e produção de artigos científicos.

O desafio de implementar políticas linguísticas efetivas no Sul do Brasil tem sido objeto de estudo recorrente. Sanches (2019) aponta que a internacionalização não depende apenas de decretos, mas de uma mudança na percepção sobre o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais dentro do campus, destacando a necessidade de materiais e práticas condizentes com a realidade local.

A partir dessas constatações, o objetivo deste artigo é fornecer dados que delineiam um breve diagnóstico dos obstáculos de ordem linguística que dificultam a internacionalização de uma instituição de ensino superior da região Sul do país e apresentar sugestões voltadas a políticas



linguísticas que possam atuar diretamente sobre as dificuldades enfrentadas. Para tanto, o artigo está estruturado em quatro seções: a primeira apresenta o referencial teórico que sustenta este estudo; na sequência, informamos a metodologia utilizada para a geração dos dados; em seguida, é feita a apresentação e análise dos dados; e, por fim, apresentamos as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este texto se fundamenta em duas perspectivas teóricas. A primeira refere-se aos conceitos relacionados às políticas linguísticas e a segunda diz respeito ao conceito de proficiência linguística.

No Brasil, o termo política linguística engloba uma multiplicidade de sentidos, sendo utilizado tanto para aludir às decisões políticas referentes à língua em diversas instâncias, ao seu uso e ensino quanto para referir-se às atividades de implementação dessas políticas. Em língua inglesa, diferentemente, o que concebemos como política linguística desmembra-se em duas conotações distintas: *language policy* e *language planning*. O conceito de *language policy* relaciona-se às decisões articuladas em instâncias político-legislativas, tais como o estabelecimento de leis, regulamentos, regras e práticas a serem adotadas localmente (KAPLAN; BALDAUF, 1997). Por outro lado, o conceito de *language planning* está relacionado à implementação das decisões políticas sobre a língua, tanto em termos de políticas educacionais, bem como à análise da viabilidade e exequibilidade dessas decisões.

De acordo com Kloss (1967), uma das manifestações da política linguística se apresenta por meio do planejamento de corpus e de status. O primeiro, planejamento de corpus, refere-se às intervenções realizadas na forma da língua, por meio da criação de uma escrita, de neologismos, normatizações e padronizações da língua. O planejamento de status se refere à promoção ou rebaixamento de uma língua a oficial em um país ou região, à determinação de seu ensino nas escolas, entre outras ações. De maneira resumida, a planificação de corpus preocupa-se com as questões estruturais da língua, enquanto que a planificação de status se ocupa de seus aspectos políticos. Cooper (1989) acrescenta a esse modelo o planejamento de aquisição, através do qual se criam mecanismos para influenciar a alocação de usuários ou a distribuição de línguas, por meio da criação ou melhoria de oportunidades ou incentivo para aprendê-las, ou ambos (HORNBERGER, 2006). A partir dessas perspectivas, Ricento e Hornberger (1996) propõem uma estrutura integrada, por meio da qual há duas abordagens de planejamento linguístico: o planejamento político (forma) e o planejamento de cultivo (uso). O primeiro refere-se a questões em nível macroscópico, relacionadas à sociedade e nação e, portanto, preocupa-se com a língua padrão. O segundo refere-se a questões em nível microscópico, ou seja, questões relativas à língua, e preocupa-se, portanto, com o letramento.

Para Spolsky (2016), as políticas linguísticas possuem três componentes interligados, mas independentes: práticas, crenças e gestão. Segundo o autor, as práticas linguísticas são as escolhas e



comportamentos observáveis dos sujeitos e engloba os aspectos linguísticos escolhidos e a variedade de linguagem usada e fornecem o contexto linguístico para qualquer sujeito que esteja aprendendo linguagem. As crenças sobre a linguagem mais relevantes envolvem os valores atribuídos às variedades e aos traços. O terceiro componente é a gestão linguística, que vem a ser o esforço observável e explícito realizado pelos sujeitos que possuem ou afirmam possuir autoridade sobre a língua. Segundo Spolsky,

A forma mais óbvia de gestão linguística é uma constituição ou lei estabelecida por um estado-nação que determina alguns aspectos do uso oficial da linguagem: uma exigência para uso de uma língua específica como meio de instrução ou em trâmites com as agências de governo, por exemplo (p. 36).

De modo abrangente, é possível observar que o termo *política linguística* engloba dois sentidos distintos: a) práticas espontâneas, não intencionais ou regulamentadas, ocorridas em contextos sociais informais e deles originadas; e b) intervenção política do Estado, por meio de leis, decretos, portarias e regulamentações similares, definindo numa abordagem top-down as diretrizes linguísticas a serem desempenhadas em seu contexto geográfico, político e educacional.

Para compreender as questões relacionadas ao conhecimento de línguas adicionais e as implicações que esse conhecimento traz às diversas ações de internacionalização, faremos uma breve discussão sobre o conceito de proficiência linguística.

Scaramucci (2000) define proficiência linguística como sendo uma capacidade linguístico-comunicativa, que inclui aspectos estruturais ou linguísticos e aspectos da comunicação, assim como a noção de capacidade de uso. A autora defende que a proficiência não dispensa qualificações que façam referência aos objetivos e contextos de uso, “por não se tratar de um conceito absoluto, monolítico, baseado naquela do falante nativo ideal, mas de várias proficiências que dependem das especificidades de cada uma das situações de uso da língua” (SCARAMUCCI, 2000, p. 18). A pesquisadora entende a proficiência linguística por meio de duas dimensões: a do uso não-técnico e a do uso técnico. A dimensão do uso não-técnico embasa-se em julgamentos empíricos do desempenho de um falante de uma língua adicional, não embasados em avaliações sistemáticas, como exames ou testes e sem a definição de critérios prévios. Dessa forma, o uso não-técnico distingue os falantes como pertencentes a duas esferas: proficiente ou não-proficiente. A autora defende que esses julgamentos, apesar de empíricos, podem ser um conceito útil, pois

não deixam de trazer, subjacente, um conceito de proficiência, que, nesse caso, parece ter como referência o controle ou comando operacional do falante nativo ideal; portanto, uma proficiência monolítica, estável e única. Essa proficiência tem sido, muitas vezes, a meta para a proficiência L2/LE. (SCARAMUCCI, 2000, p. 13).



Por outro lado, a dimensão de uso técnico, em se tratando de avaliação de uma língua adicional, refere-se ao domínio, funcionamento ou controle operacional da língua. Nessa perspectiva, diferentemente do uso não-técnico, todos os falantes são considerados proficientes, por meio de seu enquadramento em uma escala gradativa que não despreza os conhecimentos dos falantes, ainda que em menor grau. Segundo a autora,

Em vez de um conceito “absoluto”, de tudo-ou-nada, temos um conceito “relativo”, que procura levar em conta a especificidade da situação de uso futuro da língua. Em vez de uma proficiência única, absoluta, monolítica, baseada naquela do falante nativo ideal, teríamos várias, dependendo da especificidade da situação de uso da língua (SCARAMUCCI, 2000, p. 14).

Uma concepção de proficiência muito próxima da apresentada por Scaramucci é defendida por Almeida Filho (2004), ao se referir à competência linguístico-comunicativa do professor. O autor informa que, de posse dessa competência, o professor irá ensinar o que sabe sobre a língua em questão e envolver os aprendentes numa teia de linguagem na língua alvo, e lista como elementos dessa competência: a competência comunicativa, o conhecimento de mundo, os conteúdos específicos, os filtros afetivos, a oralidade e letramento e as competências lúdica, estratégica, textual, sociocultural, discursiva, formulaica, estética, gramatical, metalinguística e metacomunicativa.

Sanches (2019), ao investigar as concepções de língua no âmbito do programa Paraná Fala Inglês, expõe a complexidade das práticas docentes frente às demandas de internacionalização, fornecendo as bases para o presente diagnóstico institucional.

Nesse cenário de embates, discussões relacionadas à proficiência linguística e decisões voltadas às políticas linguísticas encontra-se o ensino superior, *locus* de produção e disseminação do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão. A produção e disseminação dos saberes gerados no âmbito universitário acontece por meio das ações de linguagem e, em vista disso, abordaremos neste texto o conceito de letramentos acadêmicos.

3 METODOLOGIA

Os dados apresentados neste texto foram gerados a partir de uma pesquisa mais ampla, que investigou o processo de internacionalização dessa instituição. A pesquisa foi de natureza qualitativa, sendo descritiva e exploratória quanto aos objetivos (FERNANDES; GOMES, 2003; SELTZ et al., 1987). Foram utilizados como instrumentos de investigação um questionário com perguntas abertas e seis entrevistas semiestruturadas, transcrições e pesquisa bibliográfica e documental. Para melhor compreensão das diversas faces que compõem o contexto de internacionalização, a elaboração das perguntas das entrevistas e questionário pautou-se em uma lista geral de questões, abrangendo as estratégias, políticas e programas relacionados à internacionalização (KNIGHT, 2004). Devido ao



escopo deste artigo, abordaremos apenas os dados relacionados às políticas linguísticas gerados pela pesquisa.

Os sujeitos foram determinados de acordo com as atribuições por eles desempenhadas na instituição, uma vez que seriam as pessoas com o melhor aporte de conhecimentos sobre os dados que necessitavam ser gerados. Assim sendo, as perguntas foram direcionadas aos sujeitos responsáveis pelos setores da administração superior da instituição, sendo eles: a) Reitor da Instituição; b) Diretora do Escritório de Relações Internacionais; c) Pró-Reitora de Ensino e Graduação; d) Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação; e) Pró-Reitor de Extensão e Cultura; f) Pró-Reitora de Gestão de Pessoas e Desenvolvimento. Para que se pudessem obter dados mais detalhados, algumas perguntas foram feitas para mais de um respondente, a fim de gerar um número considerável de fontes de evidências para a posterior triangulação dos dados. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise de conteúdo.

Devido ao número expressivo de informações que precisariam ser obtidas junto à direção do Escritório de Relações Internacionais (ERI), as perguntas foram divididas entre questionário e entrevista. O questionário foi encaminhado por e-mail à diretora do ERI, sendo que algumas das questões foram esclarecidas posteriormente à pesquisadora por meio de contato telefônico. A entrevista buscou responder primeiramente às dúvidas existentes quanto aos dados fornecidos pelo questionário e em seguida às demais questões, constantes do roteiro de entrevista.

Para a interpretação dos dados foi utilizada a técnica de análise do conteúdo, que proporciona ao pesquisador o reconhecimento de elementos explícitos no texto que forneçam indicadores para a realização de inferências (BARDIN, 2009; BERG, 1998). Também foi utilizada a Grounded theory (Teoria Fundamentada em Dados), através do qual o pesquisador compara e codifica os dados, lançando mão de métodos sistemáticos de extração dos sentidos das informações e concluindo sua análise por meio da formulação de teorias emergentes dessa análise. Do mesmo modo, foi utilizado o software de análise de corpus AntConc, em sua versão 3.5.7.2018 para Windows. A análise de corpus foi realizada, inicialmente, por meio da transcrição integral das seis entrevistas semiestruturadas, salvas em arquivos de texto (.txt) para que fossem processadas pelo software. Em seguida, os arquivos das entrevistas e questionário foram analisados por meio das ferramentas do software, combinando-as com as análises realizadas através de coding scheme e axial coding, o que permite que os dados se tornem mais claros, permitindo o aprofundamento da observação e a geração de hipóteses para as análises.

Por questões de preservação de privacidade das fontes de pesquisa, os sujeitos respondentes serão apresentados por meio da sigla R, seguidos de um número designado aleatoriamente, independente de hierarquia, cargo ou função exercida. Além disso, para manter a isonomia dos dados, todas as referências aos respondentes serão apresentadas no masculino.



4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Fetterman (2010) enuncia que a etnografia dá voz às pessoas em seu próprio contexto local, sendo que a análise ocorre concomitantemente com a geração de dados. Desse modo, para que possamos proceder à apresentação e análise dos dados, traremos as vozes dos entrevistados, por meio das respostas às perguntas das entrevistas semiestruturadas e questionário. A importância de suas falas se deve especialmente pelo fato de manifestarem seus conhecimentos, êxitos, expectativas e inquietudes, de modo a permitir a construção de sentidos por meio da geração de dados e análise interpretativa.

As perguntas direcionadas aos respondentes buscavam compreender questões referentes à internacionalização na instituição e, de modo geral, pertenciam às seguintes categorias gerais de análise¹, representadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Categorização geral de análise da pesquisa

I – Estratégias de internacionalização
a) Estratégias Programáticas
1. Programas acadêmicos
2. Pesquisa e colaboração acadêmica
3. Relações exteriores domésticas e transfronteiriças
4. Atividades extracurriculares
b) Estratégias organizacionais
1. Governança
2. Operacionais

Fonte: dados da pesquisa

As questões relacionadas às políticas linguísticas emergiram ao longo da geração de dados, tendo sido mencionadas pelos respondentes nas quatro categorias de análise listadas acima (estratégias de internacionalização, políticas de internacionalização, programas de internacionalização e dificuldades e obstáculos enfrentados na internacionalização). Através da análise dos dados foi possível estabelecer três categorias que possuem relação com as políticas linguísticas: diagnóstico, obstáculos e sugestões de atuação, sobre os quais discorreremos adiante nesta seção.

A categoria do diagnóstico relaciona-se às informações empíricas dos respondentes em termos de: a) proficiência em línguas adicionais do corpo acadêmico; b) papel exercido pelos cursos de Letras no tocante a ações voltadas aos letramentos acadêmicos e à promoção de proficiência linguística do

¹ Devido ao escopo deste trabalho não serão apresentadas todas as perguntas que compõem as entrevistas e questionários, contudo elas se enquadram nas categorias de análise descritas no Quadro 1, sendo algumas vezes adaptadas, conforme a função exercida pelo respondente.



corpo universitário; e c) dependência institucional de órgãos externos de fomento em termos de assessoria linguística. Essas informações foram obtidas ao longo do desempenho de suas funções, por meio de contatos realizados com docentes, estudantes, agentes universitários, diretores e coordenadores de área dos *campi*.

Com relação à proficiência em línguas adicionais do corpo acadêmico, o diagnóstico obtido pela geração de dados da pesquisa revela uma formação insuficiente em línguas adicionais, conforme se pode perceber nos discursos dos entrevistados:

o número de professores nossos que dominam, por exemplo, a língua inglesa e a língua francesa, e mesmo a língua espanhola é muito pequeno. (R1)
[...] falta de conhecimento da língua estrangeira. (R6)
Formação muito ruim em língua estrangeira. (R6)
Infelizmente os próprios docentes têm bastante limitação em relação à língua. (R6)

O diagnóstico referente à proficiência linguística docente equivale à dimensão do uso não-técnico proposta por Scaramucci (2000, p. 13), que pressupõe que a proficiência em uma língua poderia subentender “conhecimento, domínio, controle, capacidade, habilidade, independentemente do significado que possamos dar a cada um desses termos”. É possível observar nos respondentes a expectativa de que os professores da instituição fossem proficientes em línguas adicionais, especialmente as de maior prestígio no universo acadêmico e que seriam de maior utilidade para o estabelecimento de parcerias no eixo Norte-Sul, como o inglês e o francês – ou o espanhol, relacionado a parcerias mais próximas, no eixo Sul-Sul. Em virtude da inexistência dessa proficiência linguística, essa expectativa não se concretiza, o que gera frustração por parte dos respondentes.

Em termos de análise da importância de conhecimento de línguas adicionais, especialmente inglês, para a ciência, difusão do conhecimento, Vasconcelos et al. (2008) salientam o impacto que as habilidades linguísticas geram em termos de visibilidade das pesquisas brasileiras, o quanto as habilidades de escrita são fatores de comprovado impacto sobre a produção científica e a visibilidade da pesquisa nacional. Desse modo, os autores enfatizam a importância da linguagem para a ciência brasileira e o quanto o país se encontra em desvantagem devido a esses fatores. E defendem a importância de aumentar o número de pesquisadores proficientes em inglês com vistas a aumentar a conscientização internacional das nossas contribuições.

No que tange ao papel exercido pelos cursos de Letras em termos de ações voltadas aos letramentos acadêmicos e à promoção de proficiência linguística do corpo universitário, o que se revela no diagnóstico é a expectativa de que esses cursos tenham uma atuação mais efetiva em termos de ações voltadas à internacionalização, como a oferta de workshops e assessorias de escrita acadêmica, além de assessoramento linguístico em línguas materna e adicionais:



[...] a gente sente que poderia haver uma contribuição maior dos professores da área de Letras que... nesse sentido, a gente percebe que falta alguma coisa... a gente tem que dar um jeito de pensar algo nesse sentido, a gente discute muito essa questão de como a gente está precisando urgentemente... (R6)

O número considerável de docentes não proficientes em línguas adicionais no período de realização da pesquisa, aliado à inexistência de programas voltados a atender às demandas de produção acadêmica e assessoria linguística, geram a dependência da instituição de órgãos de fomento externos:

[...] atualmente nós não temos edital aberto para apoio de produção e publicação em nenhum tipo de revista... já houve em 2016, porque naquele momento a própria Fundação Araucária lançou uma chamada nesse sentido, de apoiar tanto a tradução quanto a publicação de artigos. (R6)

A categoria dos *obstáculos* revela os fatores que de algum modo dificultam as ações de internacionalização, em termos de proficiência linguística. Desse modo, a ausência de proficiência em línguas adicionais por parte do corpo acadêmico é apontada pelos respondentes como um dos fatores responsáveis pela não concretização de parcerias com instituições e pesquisadores estrangeiros. Esse fator, nominado pelos respondentes como *barreira linguística*, torna-se um grande impeditivo para a mobilidade e produção acadêmica:

[...] barreira linguística por parte dos servidores, o que impede que os projetos tenham continuidade. Por exemplo, nós havíamos desencadeado uma parceria com uma universidade irlandesa, onde eles financiariam tudo, realmente era um projeto muito consistente, e infelizmente a [Instituição] não conseguiu dar continuidade, porque nós não encontramos docentes que pudessem levar o projeto adiante. (R3)

A barreira linguística no sentido de técnicos e estudantes. (R1)

Então, primeiro é o desenvolvimento linguístico, muitos já me procuraram, que querem ir pra Alemanha, daí quando questiono: [Você sabe] alemão? Não. Inglês? Não... O que eu oriento, normalmente, é: "Daqui a um ano nós vamos voltar a conversar e eu quero que você se qualifique." Porque eu não posso continuar a conversa com esse estudante, se ele mesmo não apresenta os requisitos mínimos [para a mobilidade]. (R3)

Só que as pessoas têm medo de sair do Brasil, tem medo de... tem medo, né? Medo da segunda língua, medo da cultura... (R4)

O desconforto gerado pela necessidade de uso de uma língua adicional também emerge nos dados, apontando evasivas dos sujeitos frente a uma possibilidade de contato com falantes de outras línguas, por meio oral ou escrito, como uma analogia relacionada ao quanto o corpo acadêmico evita envolver-se em ações que necessitem especificamente do conhecimento da língua inglesa, conforme observado por um dos respondentes:



Sabe aquela propagandinha que todo mundo fica correndo do inglês?² (R5).

Evidencia-se nos excertos acima o fato de que a baixa proficiência linguística atua como elemento dificultador do estabelecimento de parcerias internacionais, bem como de disseminação das pesquisas nacionais.

A resistência ou o distanciamento em relação à língua inglesa, metaforizado na fala de R5 como “aquela propagandinha que todo mundo fica correndo”, não é um fenômeno isolado no contexto da instituição. Como observado por Sanches (2019), o receio no trato com a língua adicional muitas vezes decorre de concepções de língua engessadas e de uma percepção de proficiência inalcançável, o que gera barreiras de identidade e de prática pedagógica. Ao confrontar os achados atuais com a investigação anterior de Sanches (2019), percebe-se que o 'medo' relatado pelos gestores é um reflexo de um gargalo histórico na formação docente, que demanda políticas de letramento que desmistifiquem o uso do idioma no ambiente acadêmico-científico.

A última categoria que emerge dos dados são as sugestões propostas pelos respondentes e que se voltam à: a) necessidade de capacitação do corpo acadêmico em línguas adicionais; e b) implementação de ações de políticas linguísticas que promovam os letramentos acadêmicos.

Eu acho que aí a gente precisa investir muito mais em termos de capacitação (R1).

Nós temos de pensar em alguma coisa para capacitar os nossos docentes, certo? Incentivá-los a voltar a estudar o inglês ou outra língua... (R6)

Podemos observar, através desta análise, que as dificuldades linguísticas em termos de oralidade, leitura e escrita em línguas materna e adicionais apresentam-se como um obstáculo relevante para a ampliação das ações de internacionalização na IES investigada. Nesse sentido, concordamos com Cristovão e Vieira (2016, p. 220), ao defender que

para que ocorra a internacionalização das universidades, primeiro é necessário expandir o ensino da escrita acadêmica dentro da própria universidade. No entanto, para que isso aconteça, é necessária a implementação de políticas governamentais que possam beneficiar e possibilitar apoio pedagógico às instituições de ES. Consequentemente, sem o apoio, não há articulação entre o ensino, a extensão e a pesquisa (CRISTOVÃO; VIEIRA, 2016, p. 220).

Desse modo, os dados apresentados apontam para a necessidade de se voltarem os olhos em direção ao atual cenário linguístico e suas demandas quando se trata de internacionalização. Em síntese, pudemos verificar por meio deste estudo que as lacunas relacionadas ao agir linguístico do corpo acadêmico se concentram sobre dois principais eixos: a) carências relacionadas ao domínio das

² O comentário é uma referência a um conjunto de propagandas divulgadas na televisão pelo curso de idiomas Wise Up, que apresentava diversas pessoas correndo em cenários urbanos, fugindo ou correndo em direção a algo, simbolizando o temor causado pela barreira do idioma e pela falta de proficiência em língua inglesa.



ações de leitura e escrita em língua materna e adicional, especialmente em termos de produção escrita acadêmica; b) carências relacionadas à proficiência linguística em línguas adicionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou um recorte dos resultados de uma pesquisa qualitativa que analisou o processo de internacionalização em uma instituição pública de ensino superior. O estudo concentrou-se nas demandas em termos de políticas linguísticas e constatou que os dados gerados se concentraram em três categorias: diagnóstico, obstáculos e sugestões de atuação. O diagnóstico identifica uma carência em termos de formação em línguas adicionais por parte do corpo acadêmico; uma expectativa de maior atuação dos cursos de Letras em ações voltadas à promoção de proficiência linguística em línguas adicionais e em letramentos acadêmicos; e dependência de órgãos externos de fomento em termos de editais que subsidiem assessoria linguística para escrita e tradução de artigos científicos. O principal obstáculo que se impõe à internacionalização é a barreira linguística, resultado da baixa proficiência em línguas adicionais do corpo acadêmico. As sugestões apontam para a capacitação do corpo acadêmico em duas frentes: proficiência em línguas adicionais e promoção de políticas linguísticas que desenvolvam os letramentos acadêmicos.

O presente estudo corrobora pesquisas anteriores voltadas à investigação da relação existente entre proficiência linguística, produção acadêmica em língua adicional e a internacionalização do ensino superior e, assim como os sujeitos entrevistados, sugere que sejam implementadas ações de políticas linguísticas que promovam os letramentos acadêmicos, com vistas a atender à demanda cada vez mais crescente de produção e divulgação científica. Apesar dos recentes avanços em termos de tecnologias digitais e inteligência artificial, que trouxeram um novo cenário à produção acadêmica, ainda se tornam relevantes ações institucionais direcionadas a dirimir os obstáculos apontados nesta investigação para que seja possível ampliar o número e a qualidade das parcerias internacionais e dar voz aos pesquisadores nacionais e às suas descobertas.

A internacionalização do ensino superior gera benefícios de diversas ordens, bem como desafios que necessitam ser analisados e, sempre que possível, transpostos. Desse modo, a necessidade de transposição desses desafios se apresenta em termos de ações que se configurem como de fato imprescindíveis para o benefício e crescimento da sociedade como organismo pleno, com vistas à aquisição de conhecimentos científicos, técnicos e culturais que agreguem valor humano e de qualidade de vida aos sujeitos, resultando na superação de injustiças e das desigualdades sociais.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. O professor de língua(s): profissional, reflexivo e comunicacional. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, vol.03, nº 1, 2004
- ALTBACH, P. G. Comparative perspectives in higher education for the twenty-first century. *Higher Education Policy*, 11, 347-356, 1998.
- ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal for Studies in International Education*, 11(3-4), 290-305, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. In CURAI, A.; MATEI, L.; PRICOPIE, R.; SALMI, J.; SCOTT, P. (Eds.), *The European higher education area: Between critical reflections and future policies*. (pp. 67-80). Dordrecht: Springer, 2015.
- BERG, B. L. *Qualitative research methods for the social sciences*. 3. ed. Boston, MA: Allyn & Bacon, 1998.
- BRANDENBURG, U.; DE WIT, H. The end of internationalization, in *International Higher Education*, n. 62, 2011, pp. 15-16, Boston College Center for International Higher Education, Boston, 2011.
- COOPER, R. *Language Planning and Social Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CRISTOVÃO, V. L.; VIEIRA, I. R. Letramentos em língua portuguesa e inglesa na educação superior brasileira: marcos e perspectivas. *Ilha do Desterro*, 69(3), 209-221.
- FERNANDES, L. A.; GOMES, J. M. M. Relatórios de pesquisa nas ciências sociais: características e modalidades de investigação. *Contexto*, Porto Alegre, v. 1, p. 71-92, 2003.
- FETTERMAN, D. M. *Ethnography: Step-by Step Guide*. 3rd Edition, Sage, Los Angeles, 2010.
- SANCHES, Gabriel Jean. *O Programa Paraná fala Inglês: Uma autoetnografia sobre concepção de língua e material didático em sala de aula*. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019
- GÓMEZ, T. G. Rankings y reputación universitaria: Jornadas de la AUGAC, Universidad de La Rioja. XXIV Jornadas Formativas de la Asociación de Profesionales de los Gabinetes de Comunicación de las Universidades Españolas y Centros de Investigación (AUGAC). 2013. Disponível em <<http://www.inaecu.com/55637>>.
- HAZELKORN, E. *Rankings and The Reshaping of Higher Education: The battle for world-class excellence*. Palgrave Macmillan, 2011.
- HAZELKORN, E. *World-Class Universities or World-Class Systems? Rankings and Higher Education Policy Choices*. Keynote Address to the UNESCO Global Forum on Rankings and Accountability in Higher Education, UNESCO, Paris, 16-17 June, 20113.
- HELMS, R. M. TUKIBAYEVA, M. *Internationalization in Action: Internationalizing the Curriculum*, Part 1 - Individual Courses. ACE. 2013. Disponível em <<https://bit.ly/38ZX7qM>>. Acesso: jan. 2020.



- HORNBERGER, N. H. Frameworks and Models in Language Policy and Planning Research. In: RICENTO, T. (ed.). *An Introduction to Language Policy: Theory and Method* (pp. 24-41). Oxford: Blackwell, 2006.
- HUDZIK, J. K. *Comprehensive Internationalization: from Concept to Action*. NAFSA, 2011.
- KAPLAN, R. B.; BALDAUF, R. B. *Language planning from practice to theory*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- KLOSS, H. Abstand Languages and Ausbau Languages. *Anthropological Languages*, 9, 1967.
- KNIGHT, J. Internationalization remodeled: Definition, approaches and rationales. *Studies in International Education*, p. 5-31, 2004.
- LEASK, B. Internationalizing the curriculum in the disciplines—imagining new possibilities. *Journal of Studies in International Education*. 17(2), p. 103 – 118, 2013.
- LEASK, B. *Internationalizing the curriculum*. Oxon: Routledge, 2015.
- LEASK, B. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. *Journal of Studies in International Education*, 13 (2), 2009, p. 205-221.
- NILSON, B. Internationalisation at Home from a Swedish Perspective: The Case of Malmö. *Journal of Studies in International Education*, Vol. 7 No. 1, p. 27-40, Spring 2003.
- RAJAGOPALAN, K. Políticas públicas, línguas estrangeiras e globalização: a universidade brasileira em foco. In: ROCHA, C. H.; BRAGA, D. B.; CALDAS, R. R (Eds.). *Políticas linguísticas, ensino de línguas e formação docente: desafios em tempos de globalização e internacionalização*. Campinas: Pontes, 2015. p. 15-27.
- RAUHVARGERS, A. *Global university rankings and their impacts*. Brussels: European University Association, 2011. (EUA Report on Rankings 2011). Disponível em: <<https://bit.ly/2Ojj4JD>>. Acesso: jan. 2020.
- RICENTO, T.K.; HORNBERGER, N.H. Unpeeling the Onion: Language Planning and Policy and the ELT Profession. *TESOL Quarterly*, 30, 1996, p. 401-427.
- RIZVI, F. Internationalization of curriculum: A critical perspective. In: HAYDEN, M.; LEVY, J.; THOMPSON, J. *The SAGE Handbook of Research in International Education*. 2nd ed. London: SAGE Publications, 2015.
- SANTOS, S. M. dos. *O desempenho das universidades brasileiras nos rankings internacionais: áreas de destaque da produção científica brasileira*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2015.
- SELLTIZ C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: E.P.U., 1987.
- SIEGLER, J. M. B. *O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia*. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão preto. Ribeirão preto. 2009.



SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. *ReVEL*, vol. 14, n. 26, 2016. Tradução de Paloma Petry.

STALLIVIERI, L. Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017.

STREET, B. Literacy events and literacy practices: theory and practice in the New Literacy Studies. In M. M. Jones & K. Jones (Ed.). *Multilingual Literacies: reading and writing different worlds*. (pp. 17-30). Amsterdam: John Benjamins, 2000.

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: CUP, 1984.

STREITWIESER, B. *Internationalisation of Higher Education and Global Mobility*. Oxford: Symposium Books Ltd, 2014.

VASCONCELOS, S. M. R.; BATISTA, P. D.; SANTANA, M. C.; SORENSON, M. M.; LETA, J. Researcher's writing competence: A bottleneck in the publication of Latin American Science? *EMBO Reports*, v.9, n.8, p.700-702, Aug. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/38TW37X>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

